

Ministro critica o acordo nuclear

Para Marcílio, é a única dívida que não deixa nenhum ativo para o Brasil

WILLIAM WAACK
Correspondente

BONN — “Desculpem-se o digo desta maneira, mas o acordo nuclear com a Alemanha foi o pior de todos os erros do governo militar. Todos os outros endividamentos do Brasil deixaram algum ativo, só este não”, disse o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, a um grupo de jornalistas alemães com os quais conversou ontem cedo na Embaixada do Brasil. Esta é uma das declarações mais contundentes feitas por uma autoridade brasileira a um tratado que já foi descrito como “negócio do século” e que até hoje, quase 17 anos depois de assinado, não produziu um quilowatt sequer de energia elétrica.

Foi a única farpa, porém, que o ministro brasileiro jogou no relacionamento entre Alemanha e Brasil, que ele descreveu como uma excelente alternativa para investidores privados alemães preocupados com a instabilidade política, a catástrofe social, as incertezas militares e a deficiente infra-estrutura dos países do leste da Europa, em especial as ex-repúblicas soviéticas. “É difícil que qualquer um deles repita em pouco tempo a capacidade empresarial que o Brasil já tem”, disse Marcílio.

Das autoridades alemãs o ministro brasileiro ouviu ontem a sugestão, já apresentada em outubro pelo chefe de governo alemão, chanceler Helmut Kohl, de um acordo de garantias e proteção a investimentos alemães no Brasil. A posição diplomática brasileira foi tradicionalmente avessa a esse tipo de tratado, mas Marcílio disse ontem aos alemães que o governo brasileiro não tem mais uma “postura dogmática” nesse campo. “Temos algumas dúvidas se um acordo de garantias é o me-

lhor caminho para dar segurança e estabilidade a investidores privados, mas aceitamos discutir tudo isso.”

Jornalistas alemães quiseram saber se Marcílio não se preocupa com a possibilidade de os investimentos alemães tomarem agora apenas uma direção — a do leste do próprio país e da Europa — diante das altas taxas de inflação e da instabilidade que caracterizou a economia de países latino-americanos.

Para o ministro brasileiro, a realidade está desmentindo, porém, as previsões de dois anos atrás, quando caiu o Muro de Berlim.

“A América Latina estava sendo considerada uma região que podia se apagar do mapa de investimentos mundiais. Para o leste da Europa vão muitos créditos e investimentos oficiais, para países como o Brasil continuam seguindo investimentos privados. Estive recentemente no Brasil com os presidentes da Daimler-Benz e da Volkswagen AG e ambos me disseram que investirão um total de 3 bilhões de dólares no Brasil nos próximos cinco anos”, declarou.

Marcílio utilizou várias vezes o exemplo de países do Leste, lutando com severas dificuldades para passar da economia de comando à economia de mercado, para dizer que o Brasil tem dinamismo econômico suficiente para pagar a dívida sem pedir perdão e ainda atrair investidores privados, imediatamente após um processo de “regularização” com o mercado financeiro internacional por meio de etapas como a negociação com o Clube de Paris, um acordo amplo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e uma ampla renegociação com os bancos privados, pela ordem.

“Nós não somos nenhuma Polônia”, disse Marcílio.

Wilson Pedrosa/AE



Pior negócio do século

Marcílio condena o acordo nuclear e ressalta que poucos países têm o poder de recuperação do Brasil